

Da anormalidade à beleza: leituras sob uma perspectiva não subjetiva da subjetividade

Solange MITTMANN

Fundação Universidade de Rio Grande

Há algum tempo venho trabalhando com o discurso midiático, tomando como aspecto teórico a heterogeneidade (constitutiva e mostrada) e as determinações de sentido. Atualmente, ainda seguindo este caminho, tenho centrado minhas observações para a questão do corpo: como a mídia aborda o corpo humano e, em especial, as noções de feio/bonito, normal/anormal.

Folheando ao acaso o jornal *O Sul*, pouco antes de vir ao Seminário, deparei-me com uma notícia sobre a passagem de Gisele Bündchen e Leonardo DiCaprio pelo Xingu, duas figuras reconhecidas pelos leitores em virtude da exposição da própria mídia. E eu vou citar um trecho:

A bela [referindo-se a Gisele] **não** fez muito sucesso entre os índios do Xingu. Ela foi considerada magrinha demais (...) Apesar de linda com trancinhas no cabelo, pés descalços e pintura no rosto no estilo dos habitantes do local, ela **não** foi vista como um bom partido.

O galã DiCaprio **não** causou furor na selva. O astro foi considerado “tão branco que parecia doente”. [Os grifos são meus.]

Como podemos observar, o autor da notícia qualifica Gisele como bela e linda, e Leonardo como galã. E a qualificação tem um lugar que ultrapassa (e transpassa) o olhar do autor da notícia, pois, pela insistente repetição na mídia, bela, linda e galã são descrições já conhecidas para esses personagens. É a verdade já lá, é o pré-construído impondo o dizer, e a Formação Discursiva tentando controlar dizeres contrários.

A forma como esses dizeres contrários são controlados neste texto se dá através do estranhamento, marcado pela repetição da negação. O dizer do outro rompe com a expectativa de repetição criada pelo pré-construído e regulada pela FD. E para que possa entrar no fio do discurso, precisa ser marcado pela negação: “A bela **não** fez muito sucesso entre os índios do Xingu”, “ela **não** foi vista como um bom partido” e “O galã DiCaprio **não** causou furor na selva”. Estas formulações nos remetem a uma memória, onde temos que Gisele faz sucesso em qualquer lugar e é um bom partido, e que DiCaprio causa furor em qualquer lugar. E o final – “tão branco que parecia doente” – traz explicitamente a voz dos índios entre aspas que marcam a separação da voz do autor da voz do outro.

E aqui lembro o projeto de pesquisa sobre leitura e memória de Michel Pêcheux (1990a), onde ele direciona a noção de implícito – trabalhada por Ducrot – para a noção de memória. E observo que, no fio do discurso, a negação e as aspas mostram o conflito entre, de um lado, o que vem da memória, é imposto pelo pré-construído e determinado, circundado pela Formação Discursiva com a qual o enunciador se identifica, e de outro lado, o outro sentido, a outra verdade possível, que está presente no interdiscurso, mas que para chegar ao fio do discurso precisa ser separada da primeira voz e negada.

E é assim que o discurso jornalístico costuma funcionar: trazendo vozes opostas, ele cria a ilusão da imparcialidade: afinal, não é só a posição do jornalista ou colunista que aparece aos nossos olhos. Mas, ao mesmo tempo, segurando-se no pré-construído, ele mostra o estranhamento (talvez loucura?) sobre o sentido outro, a voz do outro, a outra Formação Discursiva.

Acredito que essa forma de inserção da voz do outro funciona para que se mantenha o mesmo. Afinal, a ilusão de imparcialidade é necessária para sustentar o discurso do um e a cristalização do imaginário sobre o tema tratado. Assim, a pluralidade de vozes sustenta a ilusão de que o discurso jornalístico diz “a verdade” – e não “uma verdade” possível entre outras. Daí que, quando falamos em jornalismo, vem-nos à mente a expressão consagrada “veículo de informação”, ou seja, aquele veículo (jornal, revista...) que nos traz/transporta uma informação verdadeira.

E como diz Pêcheux (1990b), a visão sobre a verdade única acaba por impedir a interpretação no momento mesmo em que ela se dá, já que o equívoco, o sentido outro é negado.

Assim, o belo é belo por que é, o normal é normal porque é. O sentido está já aí, pronto. A esse respeito, eu gostaria de citar um exemplo apresentado por Courtine (1995), que é a figura do body-builder norte-americano, que se apresenta em praça pública para exibir seus músculos. Eles são considerados uma representação da cultura narcísica, individualista e consumista, que sustenta uma indústria de produtos próprios e que apresenta a aparência do corpo como objeto de consumo. Cito a descrição de Courtine:

Entre a multidão de passantes, os body-builders destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O body-builder não anda: ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente. Não ao modo do obeso (...) que arrasta sua anatomia como um fardo que o entrava e o estigmatiza.

Este trecho apresenta dois tipos comuns nos Estados Unidos (e não só lá), como tendo algo em comum e algo que se opõe. Algo que é aceito pelo sujeito, porque a própria sociedade aceita – “conduz seu corpo exibindo-o” – e algo que não é aceito – “arrasta sua anatomia como um fardo que o entrava e o estigmatiza”. Esta descrição me deixa incerta sobre a determinação e a fronteira entre o normal e o anormal.

E aqui eu me encaminho para o meu objetivo neste trabalho, que é o de observar na mídia a descrição das personagens Shrek e Fiona nos dois filmes *Shrek*. Antes vou contar um pouquinho a história (sem nenhuma pretensão de fidelidade ou imparcialidade). O filme Shrek foi criado pelos estúdios Dream Works visando a ocupar um lugar de destaque onde quem domina são os estúdios Disney: o dos filmes de animação. Assim, temos uma história que começa retomando personagens dos desenhos Disney, como os sete anões, os três porquinhos, Pinóquio, o lobo mau (vestido de vovozinha), os três ursos e o Burro Falante sendo vendidos por seus donos e enjaulados como seres anormais, aberrações. Os personagens fogem e vão ao pântano onde vive o ogro Shrek pedir-lhe ajuda.

Para livrar-se dos personagens que invadiram seu lar, onde sempre preferiu morar sozinho, Shrek se vê obrigado a fazer um acordo com Lorde Farquaad, que é quem governa o lugar. O lorde pretende casar com uma princesa para tornar-se soberano. Em troca de liberar os personagens e o pântano, Shrek é enviado para uma missão: buscar uma princesa – Fiona – que está presa numa torre, guardada por um dragão. O Burro o acompanha e auxilia nas peripécias para chegar até a princesa.

Enquanto isso, a princesa Fiona espera por um príncipe que venha libertá-la. E qual não é sua fúria ao ver que seu salvador é um ogro. Sob protestos da princesa, Shrek a leva ao lorde, passando antes por seu pântano. Nessa trajetória, os dois se agridem, depois passam a admirar um ao outro, tornam-se amigos e apaixonam-se. Depois de uma refeição de ratos assados, os dois têm uma discussão, Shrek se retira e Fiona entra na cabana do ogro. Anoitece e Fiona toma a forma de ogra.

O Burro entra na cabana, encontra a ogra Fiona e leva um susto, ao que ela responde: “Eu sou a princesa. Sou eu neste corpo. Burro, esta sou eu.” Ele diz que ela “está ãh ãh... diferente”. E ela: “Eu estou feia, tudo bem.” E conta que lhe foi lançado um feitiço quando era menina, o que lhe dá duas formas: de dia a forma de mulher, à noite a forma de ogra, e que só o beijo de um amor verdadeiro quebrará o feitiço. O Burro tenta consolar dizendo que ela só é feia à noite e Shrek é feio sempre. Mas Fiona retruca que não é assim que uma princesa deve parecer. “Quem poderia amar um ogro tão nojento e feio. E princesa e feiura não combinam.” Por isso insiste em que deve casar-se com Lord Farquaad no dia seguinte, antes do anoitecer. Mas suspira por Shrek.

A explicação da história de Fiona vem em *Shrek 2*: A fada madrinha, no passado havia transformado um sapo em príncipe, o que permitiu a este casar-se com uma princesa e, posteriormente, tornar-se um rei. Quando nasce a filha do rei – Fiona –, a fada lhe lança um feitiço: “À noite de um jeito de dia de outro. Esta será a norma. Até achar o primeiro beijo de um amor verdadeiro. É assim a sua verdadeira forma.” Com isso Fiona toma a forma de ogro à noite e de mulher durante o dia. E o antídoto previsto pela fada é um beijo de seu próprio filho para que este herde o reino.

Fecho este parêntese explicativo e volto ao primeiro filme: No momento do casamento de Fiona com Lorde Farquaad, começa o pôr-do-sol. Shrek aparece e o lorde manda prendê-lo. Depois de vencer a luta, Shrek e Fiona declaram seu amor. Os

dois se beijam. Com o pôr-do-sol, Fiona volta à forma de ogro e diz não entender, pois “deveria estar linda”. Ao que Shrek responde: “Mas você está linda.” E segue-se a história romântica entre a princesa ogra e seu herói ogro.

Primeiramente, eu gostaria de chamar a atenção para o que Fiona diz ao Burro quando da revelação: que ela está horrível, que ela é um ogro nojento e feio, que não é assim que uma princesa deve parecer, que princesa e feiúra não combinam. Aqui a princesa repete dois pré-construídos: o de que uma princesa deve ser bela, e o de que a sua forma é feia. De outro lado, Shrek, reconhecendo-a como igual a ele, diz que ela é linda. Isso significa que o filme, apesar de suas muitas subversões – como uma fada vilã, os personagens já apresentados pela Disney que são vistos como aberrações e vendidos, os pretendentes a príncipes que são interesseiros e outras tantas – o filme mantém a idéia de que o que é belo é aquilo que é igual. Portanto, o diferente é feio, anormal, monstruoso. Essas idéias são repetidas na mídia de promoção do filme. Cito alguns comentários encontrados sobre os dois personagens:

Revista SET

Shrek é um monstro antipático de hábitos repugnantes. E Fiona é bela, sem dúvida, mas guarda segredinhos.

Revista Recreio

Shrek é um cara muito alto, verde e com duas orelhas em forma de antenas. Fiona é uma linda e surpreendente princesa que se transforma em ogra.

www.estreiaonline.pt

Fiona é a companheira ideal de Shrek. E Shrek não se encaixa lá muito bem nos moldes de príncipe perfeito.

Diante destes três fragmentos, eu gostaria de chamar a atenção para alguns pontos. Shrek é apresentado como um monstro e oposto à imagem pré-determinada de príncipe. Fiona é chamada de bela, linda, como está pré-determinado que uma princesa de contos de fadas deve ser. Mas a princesa se transforma em ogra e, por isso, é a companheira ideal para Shrek. Essas idéias são as mesmas das falas dos personagens. Idéias pré-concebidas sobre como devem ser um príncipe e uma princesa (e como não devem ser), sobre a oposição entre humano e monstro, sobre a construção de pares calcada sobre a igualdade (e não a diferença).

Só que Fiona não é exatamente igual a Shrek, já que tem uma parte humana e uma parte ogro e é filha de um sapo-homem. Fiona e o rei são seres híbridos. E a esse respeito, cito a definição de monstro apresentada por Foucault (2001):

o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer ‘jurídico-biológico’. Por outro lado, nesse espaço, o monstro aparece como um fenômeno ao mesmo tempo extremo e extremamente raro.

Ele é o limite, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido.

Segundo o autor – que trata nesse livro da visão sobre o monstro da Idade Média ao século XVIII –, o monstro se refere a uma história centrada na distinção absoluta e insuperável de dois reinos e é, ao mesmo tempo, a transgressão dessa história, dos limites e classificações biológicas, das leis jurídicas e divinas, pois é “o misto de dois reinos, o reino humano e o reino animal: o homem com cabeça de boi, o homem com pés de ave”.

E uma transgressão que o homem não sabe o que fazer com ela. Afinal, os sentidos sobre o que é normal já estão ocupando o espaço, e o anormal, que não tem espaço, é o impossível. O filme *Sbreek* me faz pensar, então, na relação entre a saturação do sentido, a determinação do que é o aceitável, o normal, o belo. O que faz com que os contrários sejam noções secundárias dependentes das primeiras.

Referências bibliográficas

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.81-114.

FOUCAULT, Michel. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: _____. *Os anormais* (Curso no Collège de France – 1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours*: textes de Michel Pêcheux. Chapitre IX. Éditions des Cendres, 1990a. p.285-293.

_____. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990b.